



**Os
xavantes
queriam
suas
terras e
a paz.**

**Os Xavantes:
Luta e resistência
pela terra**

**Agora só
querem
suas
terras.**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan

Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandez



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch



Biblioteca Brasileira *Guita e José* **Mindlin**

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

Vice-Diretor Alexandre Luis Moreli Rocha



COORDENADORES

Alexandre Macchione Saes

Antonia Terra de Calazans Fernandes

EQUIPE 3 VEZES 22

Bruna Martins, Franklin Pontes,

Giovane Direnzi, Guilherme Dvulactha,

Leticia Scupinari, Norberto de Assis e

Stephany Barbosa

EQUIPE LEMAD-USP

Adriano Sousa, Isabella Oliveira Cafer,

Luísa Klautau Corrêa da Silva e Mariana

Meneses Fernandes

CAPA

Norberto de Assis

ARTE E ILUSTRAÇÃO

Norberto de Assis

DIAGRAMAÇÃO

Norberto de Assis

REVISÃO

Adriano Sousa, Isabella Oliveira

Cafer, Luísa Klautau Corrêa da Silva e

Mariana Meneses Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE

Norberto de Assis

CURADORIA

Adriano Sousa, Isabella Oliveira Cafer, Luísa

Klautau Corrêa da Silva e Mariana Meneses

Fernandes

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065

bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 338 - São Paulo/SP - CEP: 05508-000

Secretaria: (11) 3091 0308 / (11) 3091 0298 - Funcionamento: 09h às 21h (flh@usp.br)



Apresentação



O que são as datas?...

Datas são pontas de icebergs...

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e números. (...)

BOSI. O tempo dos tempos. NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19.

1822, 1922, 2022...

3 vezes 22... são datas que interligam tempos e acontecimentos demarcados por relevâncias históricas. Alcançar os 200 anos de formação de um Estado nacional é certamente um relevante marco para produzir necessárias reflexões sobre sua trajetória constitutiva e sobre o que se almeja como futuro. No dia 7 de setembro de 1822 o Brasil declarou sua Independência de Portugal, iniciando o projeto de construção de uma sociedade autônoma politicamente, mas sem conseguir romper com todas as profundas raízes de seu passado colonial.

Por sinalizarem pontos no tempo, as datas podem ser preenchidas com as mais diferentes vivências e recordações, revistas em seus significados, questionadas em suas atribuições. É nesse sentido que o projeto 3 vezes 22, constituído na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM, da Universidade de São Paulo, parte das datas dos eventos com o objetivo de produzir conteúdo e iniciativas para estimular análise crítica em torno dos contextos das celebrações do bicentenário da Independência do Brasil, do centenário da Semana de Arte Moderna e da projeção de futuro delineada para 2022.

Os Kits 3 vezes 22 foram produzidos em conjunto com o Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD, do Departamento de História da USP. O material incorpora documentos históricos de diversificada tipologia (cartas, pinturas, jornais, imagens, mapas, entre outros), um texto de orientação e contextualização direcionado ao professor e sugestões de questões para serem trabalhadas com os/as estudantes. Os kits oferecem, nesse sentido, material didático para docentes e estudantes com propostas para interpretar e intervir no debate envolvendo as celebrações de 2022.

Por meio da documentação primária, selecionada a partir de indagações históricas contemporâneas, os alunos poderão entrecruzar as temporalidades de 1822-1922-2022, confrontando as continuidades e rupturas de diferentes vivências na sociedade brasileira; terão oportunidade de confrontar versões canônicas da história do Brasil com eventos negligenciados por nossa memória coletiva; e, enfim, serão convidadas a fazer aproximações com experiências de vida de personagens e de suas produções, que são pouco conhecidas, mas que contam histórias valiosas, de como suas ações no passado projetavam alternativas para o futuro.

Em suma, os Kits 3 vezes 22 se inserem na preocupação de nossa historiografia de reescrever a história do Brasil, incorporando personagens, eventos e, acima de tudo, projetos de país suprimidos nos últimos duzentos anos. Ao problematizar a narrativa da história do Brasil e ao expandir e complexificar os olhares sobre nosso passado, acreditamos que abrimos um campo para a protagonismo dos/das estudantes que podem se apropriar do processo de construção do conhecimento, como de intervenção do nosso processo histórico.



Leitura dos documentos

O contato entre indígenas e não-indígenas teve início logo após a chegada dos europeus em território brasileiro. A interação entre os dois grupos realçou as diferenças existentes que se transformaram em desigualdades e serviram como fundamento, muitas vezes, para o estabelecimento de relações baseadas na violência. Os povos Xavante, por exemplo, estabeleceram o primeiro contato com os não-índios no século XVIII, após a descoberta de ouro na região da província de Goiás, mas foi com a “Marcha para o Oeste”, empreendida pela política de ocupação de novas fronteiras agrícolas pelo Estado Novo, na década de 1940, que o contato foi intensificado¹.

Os Xavante habitam a região nordeste no estado do Mato Grosso e, segundo dados do censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somavam 19.259 indivíduos no ano de 2010 e configuravam-se como a etnia indígena mais numerosa do Mato Grosso, ocupando a nona posição entre as mais populosas do país². Desta forma, é possível perceber que apesar das violências que perpassaram

a relação entre os Xavante e os não-índios, os indígenas lutaram e resistiram para garantir a própria sobrevivência e sua cultura.

Essas lutas são analisadas neste kit a partir da perspectiva da reivindicação das terras originalmente pertencentes aos povos Xavantes. São reivindicações que assumem contornos mais explícitos a partir do período da Ditadura Militar (1964-1985). Naquele contexto, as disputas entre os indígenas e os grandes fazendeiros tornaram-se insustentáveis e o governo decidiu criar a primeira reserva Xavante como medida para amenizar os conflitos na região- a Terra Indígena (TI) Marechal Rondon, demarcada em 1965.

O kit traça essas disputas em torno das terras e mostra como ocorreu o retorno dos Xavantes aos territórios usurpados pelos grandes fazendeiros. E procura apresentar elementos para entender a cosmogonia Xavante e a importância da terra para eles, tanto na garantia da subsistência, como na perspectiva simbólica, por ser lugar de ancestralidade e manutenção da identidade do seu povo.

Vale mencionar, que o uso do termo “indígena” ao longo do kit parte da posição política assumida pelos próprios indígenas. Conforme Daniel Munduruku, a palavra “índio” é decorrente de uma visão preconceituosa criada pelos conquistadores para definir o que era diferente. A defesa do autor pelo uso do termo indígena passa pelo seu próprio significado, pois ele “(...) significa *‘aquele que pertence ao lugar, ‘originário’, ‘original do lugar’*. Se pode notar, assim, que é muito mais interessante reportar-se a alguém que vem de um povo ancestral pelo termo indígena que índio.”³

O kit possui como **primeiro documento** o capítulo da Constituição Federal Brasileira de 1988 referente aos povos indígenas. Neste trecho, há o reconhecimento da organização social, dos costumes, da língua e da cultura, além da definição de suas terras, sua finalidade e as funções atribuídas à União na defesa dos direitos dos nativos.

O **documento 2** é a transcrição de um vídeo disponível no Youtube produzido por um jovem indígena Xavante, o Cristian Wari’u Tseremey’wa. Nesse vídeo, Wari’u analisa a fala do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, sobre a oportunidade aberta pela pandemia de Covid-19 para aprovar projetos com a finalidade de flexibilizar a legislação referente à proteção das terras indígenas. Além disso, o jovem expõe as dificuldades para a demarcação das terras e evidencia o descaso do Governo Federal com os indígenas.

O **terceiro documento** são trechos de uma reportagem realizada no ano de 1973 a partir da mescla de depoimentos de lideranças Xavantes e do registro da história desse povo a partir da Marcha para o Oeste. A fotografia mostra a permanência da luta indígena em busca de suas terras originais, enquanto o trecho deixa claro como os contatos entre Xavantes e os não-índios ocorreram.

O **documento 4** é formado por trechos de uma notícia de jornal publicada em 1972. Os trechos abordam as invasões contínuas sofridas pelas terras Xavante e citam os conflitos entre indígenas e fazendeiros como a causa responsável pela demarcação da primeira reserva Xavante. Ao fim da notícia, também há a descrição de ações realizadas pelos indígenas como forma de resistência aos grandes proprietários de terras.

O **documento 5** busca contextualizar geograficamente as reservas Xavante, além de discutir a questão dos processos de demarcação dessas terras. Consiste em um mapa (documento 5a) que localiza as reservas Xavante dentro do território brasileiro e em uma tabela (documento 5b) que mostra em qual etapa do processo de demarcação está cada território Xavante.

O **sexto documento** complementa o anterior, enumerando e descrevendo cada etapa do processo de demarcação de terras. Tem como objetivo, ao se relacionar com outros documentos, mostrar as dificuldades e obstáculos de todo esse processo.

O **documento 7** foi retirado de uma edição do jornal O Estado de São Paulo de 1973. Intitulada “*A terra será devolvida*”, a matéria mostra a perspectiva dos fazendeiros em relação ao estabelecimento de reservas Xavante, deixando explícita a visão desenvolvimentista do período da ditadura.

O **documento 8a** é um trecho que demonstra a importância da coleta e da caça para “ser Xavante”, indo além da alimentação, sendo necessárias para sua cultura, rituais e festividades. Por sua vez, o **documento 8b**, escrito pela antropóloga Aracy Lopes, ressalta que para entender outros grupos humanos e conhecê-los é necessário respeitar e compreender os diferentes modos de “ver a vida”, reconhecendo que cada povo tem o direito de “ser diferente, falar diferente, viver diferente, pensar diferente. Lá, do jeito dele.”

O **nono documento** é um depoimento de um indígena Xavante sobre o deputado federal Mário Juruna, também Xavante. Nesse trecho, destaca-se a importância da aproximação de indígenas com a política, mostrando como ela pode ser uma forma de resistência e um mecanismo de defesa das terras.

O **documento 10** é outro depoimento Xavante que narra a luta desses indígenas pela reconquista da terra Parabubure. Os Xavante haviam sido expulsos dessa localidade e as terras teriam sido invadidas por fazendeiros durante a ditadura militar. Para provar que a terra pertencia aos Xa-

vante, os indígenas tiveram que levar balas e cartuchos até Brasília e argumentar que haviam sido violentados e expulsos. Ainda durante a ditadura, conseguiram assegurar a posse de Parabubure, homologada em 1981.

A problemática que se coloca é a de que, embora assegurados pela legislação federal através dos processos de demarcação, a recuperação das terras está longe da idealização indígena em relação ao retorno. No **documento 11**, com mais um depoimento Xavante, podemos notar que, ao retornarem, não encontravam as terras do modo que haviam deixado. Elas haviam sido exploradas e desmatadas por pessoas que, segundo o indígena, não passavam de “estrangeiros”.

O **documento 12** é uma carta assinada pelo cacique Xavante da aldeia Marãiwatsédé e demonstra a ampliação da questão. Aqui o homem branco também é apontado como estrangeiro, invasor e destruidor da natureza e o indígena é reconhecido como o verdadeiro dono da terra. Marãiwatsédé também foi retirada dos indígenas e a carta mostra além da indignação, o desejo de retorno que também significaria a preservação da floresta, base da cultura Xavante.

O **último documento** deste Kit demonstra o processo extremamente conflituoso de disputa pelas terras indígenas e retoma a problemática da terra de Marãiwatsédé. A notícia de jornal indica que os invasores que a ocupavam em 2012, embora expulsos, voltaram a invadi-la em 2014. Retomando o documento 5, sabemos que

o processo de demarcação dessa terra foi finalizado apenas no ano de 2017, mas com todo o conteúdo deste kit, podemos deduzir que o processo de regulamentação não é suficiente para garantir a posse das terras e a segurança dos indígenas.

A situação das terras indígenas no país é extremamente complexa e caminha para um jogo de forças no qual os nativos precisam permanecer sempre lutando para consolidar seus direitos. Como destaca Cristian Wari'u⁴, os indígenas que ainda não conquistaram a regulamentação de suas terras se veem constantemente ameaçados por políticas governamentais que pregam a desestruturação indígena e o avanço do agronegócio. Por outro lado, aquelas terras, mesmo que regulamentadas, são de modo recorrente comprometidas pelas constantes violências promovidas pelos invasores, tanto em relação à terra quanto aos indígenas que nela habitam.

A luta indígena para manutenção de suas terras, e junto com elas o seu modo de viver, retrocede ao início da colonização europeia da América e permanece até os dias de hoje. E se a terra está intrinsecamente relacionada à sobrevivência desses povos, significa que essa luta e suas resistências são plenamente legítimas.

Notas

1. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante#Hist.C3.B3rico_do_contato>. Acesso em: 06 de jun de 2021.
2. OLIVEIRA, Natália Araújo De. **Os Xavantes e as políticas de desenvolvimento para a Amazônia Legal brasileira (da Era Vargas ao final da Ditadura Militar): de símbolo da brasilidade a obstáculo ao progresso**. Londrina, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Oliveira-42/publication/322512035_Os_Xavante_e_as_politicas_de_desenvolvimento_para_a_Amazonia_Legal_Brasileira_de_simbolo_da_brasilidade_a_obstaculo_ao_progresso/links/5e2b556ea6fdcc70a148edbe/Os-Xavante-e-as-politicas-de-desenvolvimento-para-a-Amazonia-Legal-Brasileira-de-simbolo-da-brasilidade-a-obstaculo-ao-progresso.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2021.
3. MUNDURUKU, Daniel. **Usando a palavra certa para doutor não reclamar**. Blog do Daniel Munduruku. Disponível em: <<http://danielmunduruku.blogspot.com/2013/05/usando-palavra-certa-pra-doutor-nao.html>>. Acesso em: 07 de jun de 2021.
4. Wari'u. **As falas racistas dos Ministros em relação aos índios/Povos Indígenas**. Youtube, 23 de mai. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oM5Mpnu-Boo>> Acesso em: 27 mai.2021.

Proposta didática

Documento 1

- 1) Este documento integra a Constituição Brasileira
 - a) Qual a data de sua promulgação?
 - b) O que é uma constituição nacional?
 - c) Qual a finalidade de uma Constituição?
- 2) Em relação ao artigo 231 dessa Constituição:
 - a) O que passa a ser reconhecido como direito indígena?
 - b) O que se considera como terras tradicionais indígenas?
 - c) Qual o destino que deve ser dado às terras tradicionais?
 - d) O que significa dizer que as terras indígenas são *“inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis”*?
 - e) Você acha importante que esses direitos sejam garantidos na Constituição?
- 3) Segundo o parágrafo 5º. do artigo 231 do documento, os indígenas podem ser removidos de suas terras? Explique sua resposta.
- 4) O que fica estabelecido no artigo 232?

Documento 2

- 5) Esse documento é a transcrição de um vídeo realizado por um indígena.
 - a) Quem é o autor da fala?
 - b) Qual a data?
 - c) A que povo ele pertence?
 - d) O que o autor propõe para a discussão?
- 6) O que o autor critica?
- 7) Liste os problemas expostos ao longo de sua fala que afetam as comunidades indígenas?
- 8) Há uma problemática envolvendo a homologação das terras indígenas:
 - a) Relacione essa problemática com a Constituição de 1988.

- b) Os argumentos do indígena mostram que a Constituição está sendo cumprida? Por quê?
- 9) Para o autor, como a pandemia do coronavírus impactou a reivindicação indígena?
- 10) De acordo com o documento, caso o governo continue com esse projeto de lei, quais serão os problemas enfrentados pelos indígenas?
- 11) Como o governo federal e o Ministro do Meio Ambiente são caracterizados?
 - a) Segundo o documento, por que o ministro não pode ser considerado ministro do meio ambiente?

Documento 3

- 12) O documento 3 é uma reportagem de jornal da época da Ditadura Militar (1964 – 1985).
 - a) Qual a data do documento?
- 13) Quem foram os brancos que entraram em contato com os Xavantes ao longo da história?
 - a) Por que o homem branco é caracterizado como invasor?
 - b) Observando a manchete, por que você acha que os Xavantes só querem suas terras, não mais a paz?

Documento 4

- 14) Que tipo de documento é esse?
- 15) Qual é a data?
- 16) Por qual motivo a criação das reservas indígenas tornou-se urgente?
- 17) Qual a relação entre o documento 4 e o “branco invasor” presente no documento 3?
- 18) O documento cita “saques, roubos e investidas à BR 158” por parte dos indígenas:
 - a) Por que os indígenas tinham essas atitudes?
 - b) Elas podem ser consideradas formas de resistência? Resistência a que?

Documentos 5 e 6

- 19) Observe o documento 5:
 - a) Que tipo de documento é esse?
 - b) Em que região do Brasil estão localizadas as terras dos povos Xavante?
- 20) Veja o documento 6 e responda:

- a) Qual a última fase do processo de demarcação das terras indígenas?
- b) Todas as terras Xavante alcançaram a última fase da demarcação?

21) Retomando a fala de Cristian Wari'u do documento 2:

“São pouquíssimas as terras de fato homologados no Brasil e no meu estado Mato Grosso então diversas outras áreas indígenas em diferentes estágios regularização fundiária e grande parte desses estágios desses territórios em grande avanço quase precisando somente de uma assinatura para se considerar homologada em processos muito avançados de regularização fundiária todos eles vão ser descartados, vão ser tratados como nada e somente as pouquíssimas terras indígenas homologadas vão ser consideradas e todo o restante vai ser sobreposto por imóveis rurais [...]”

- a) Por que o processo de demarcação das terras é importante para os povos indígenas?
- b) A partir dos dados da tabela 5b, é possível afirmar que algumas terras Xavante se encontram ameaçadas? Por quê?

22) Veja o ano do último registro de terras indígenas presente na tabela 5b.

- a) Há quantos anos não se demarca nenhuma nova terra Xavante?
- b) Wai'ru fala, no ano de 2020, que muitas terras estão *“precisando somente de uma assinatura para se considerar homologadas”*. Por qual motivo essas assinaturas não foram conquistadas?

Documento 7

23) O documento é uma entrevista publicada por um jornal em 1973.

- a) Quem é o entrevistado? Quem é o entrevistador?
- b) Qual o tema da reportagem?

24) Como os indígenas são caracterizados pelo entrevistado?

- a) Do ponto de vista do entrevistado, os indígenas prejudicam ou colaboram com o desenvolvimento do Brasil? Por quê?
- b) O entrevistado é a favor ou contra a demarcação de terras indígenas? Retire um trecho do documento como exemplo para sua resposta.
- c) Na visão do entrevistado, como as terras xavante poderiam ser utilizadas?

Documento 8

25) Observe o documento 8a:

- a) O que você entende com a seguinte frase do texto: *“Pela caça e pela coleta do babaçu o Xavante consegue ser Xavante.”*?

- b) Por que deixar de caçar faz com que os Xavante deixem de ser Xavante?
 - c) A coleta é uma atividade direcionada apenas à obtenção de alimentos? Em caso de resposta negativa, cite seu(s) outro(s) uso(s).
 - d) Qual o papel do milho no interior da cultura Xavante?
 - e) Por que, para os autores do texto, a alimentação é uma construção simbólica?
- 26) A partir do texto, qual a importância da terra para os povos Xavante?
- 27) Qual a perspectiva Xavante em relação à produção de gado?
- a) Os Xavante partilham da mesma visão que o fazendeiro do documento 7?
 - b) O entrevistado do documento 7 fala na possibilidade de chamar os índios para trabalhar em fazendas, “*ganhar dinheiro. Progredir com o país*”. A partir do documento 8a, é possível afirmar que a relação dos indígenas e do homem branco com a terra é a mesma? Explique.
- 28) O trecho 8b pertence ao livro “Índios”.
- a) Quem é a autora do texto?
 - b) Para a autora, o que é preciso para conhecer outros grupos humanos?
- 29) A partir dos documentos 8a e do excerto “*Mas ao comparar é preciso, também saber respeitar as diferenças*”, responda:
- a) O contato entre brancos e indígenas retratado no documento 3 e o posicionamento do fazendeiro no documento 7 baseou-se no respeito às diferenças?
 - b) A perspectiva dos Xavante em relação à terra foi compreendida e respeitada nesses casos?

Documento 9

- 30) Que tipo de documento é esse?
- 31) O que o autor do documento deseja?
- a) De que maneira isso pode ser alcançado?
 - b) Qual a importância disso?
- 32) O documento faz referência a Mário Juruna.
- a) Você já ouviu falar alguma coisa sobre ele? Se não, faça uma breve pesquisa.
 - b) Como Mário é descrito no texto? Qual característica sobre ele é destacada?
 - c) Atividades como a de Mário Juruna, podem ser consideradas formas de

luta e resistência indígena? Por quê?

33) Você conhece algum outro indígena que exerceu ou exerce a mesma profissão de Mário Juruna?

a) Na sua opinião, de que maneira a existência de mais indígenas ocupando as mesmas posições poderia ajudar nas lutas desses povos?

Documento 10

34) O documento é o depoimento de um indígena Xavante, leia-o e responda:

a) Qual terra indígena o Cacique Celestino pretendia retomar?

b) De acordo com o texto, em que período da história do Brasil os Xavante estavam lutando pela demarcação de suas terras?

c) Quem eram as pessoas que estavam nessa terra quando os Xavante a reivindicavam? Há alguma relação entre essas pessoas e o entrevistado no documento 7?

35) Por qual motivo os Xavante precisaram reunir o “*pilão de socar milho e as balas também, cartuchos de bala*” para provar que foram atacados?

a) Possivelmente, quem foram os responsáveis por esse ataque?

b) Por que os indígenas decidiram levar esses elementos para Brasília? Essa atitude dos Xavante pode ser considerada uma forma de lutar e resistir aos ocupantes de suas terras?

c) No final do processo, quem foi considerado o verdadeiro dono da terra?

36) A partir do depoimento e da tabela presente no documento 5B, pode-se dizer que o processo de demarcação desta terra foi rápido e pacífico? Justifique.

Documento 11

37) O documento 11 é um outro depoimento de um indígena Xavante.

a) Por que o autor está triste?

b) Como o branco fazendeiro é caracterizado no documento? De maneira positiva ou negativa?

c) Há semelhanças entre este fazendeiro e o fazendeiro do documento 7? Quais?

d) Para o Xavante, quem é o verdadeiro brasileiro?

38) O documento 10 retrata a luta Xavante pela reconquista de sua terra e o documento 11 retrata o momento posterior a essa reconquista.

a) Partindo deles, pode-se dizer que, o retorno às terras foi do modo como os Xavante imaginavam? Por quê?

Documento 12

39) Que tipo de documento é esse?

- a) Qual sua data?
- b) Quem o escreveu?
- c) Para quem é direcionado?
- d) Qual a reivindicação do autor?

40) Para o autor, a quem pertence a terra Marãiwatsédé?

41) As diferenças entre indígenas e brancos foram respeitadas durante o contato entre esses dois grupos? Retire um trecho do documento para justificar sua resposta.

42) A partir do texto, quais são as diferenças entre a relação dos Xavante e dos brancos com a terra?

- a) A utilidade da terra era a mesma para esses dois grupos? Explique.
- b) Qual a solução apresentada pelo autor para que a natureza fosse novamente respeitada e preservada?

43) A terra Marãiwatsédé sofreu invasões de posseiros e fazendeiros desde a década de 1960, sendo que somente em 1998 obteve a identificação e delimitação do seu território como indígena.

- a) Retorne às tabelas presentes no documento 5 e 6 para responder: a terra Marãiwatsédé encontra-se em que estágio no processo de demarcação? O que isso significa?
- b) Pode-se dizer que a reivindicação do autor do documento foi atendida?

Documento 13

44) Que tipo de documento é esse?

- a) Qual a data de publicação?
- b) Sobre o que ele fala?

45) Como é descrita a relação entre os dois grupos mencionados?

46) Qual problema relatado por Cristian Wari'u no documento 1 também aparece neste texto?

47) Retorne ao documento 1 e observe o segundo artigo da Constituição Brasileira de 1988.

- a) Partindo dos documentos 12 e 13, pode-se dizer que ele está sendo respeitado? Justifique sua resposta.
- b) A partir da leitura dos documentos deste kit e de seus conhecimentos,

qual a importância da demarcação e registro de territórios indígenas?

c) O processo de demarcação de terras indígenas tem sido suficiente para garantir a posse e usufruto exclusivo dessas terras por parte desses povos? Explique.

48) Retome os documentos e liste atitudes indígenas que podem ser consideradas formas de luta e resistência.

49) A partir dos documentos lidos, você acha que a luta indígena pela demarcação de suas terras acabou?

a) Quais são as dificuldades enfrentadas por esses indígenas na atualidade? Elas são semelhantes às enfrentadas no período da ditadura?

b) De que forma não-indígenas podem colaborar com a causa indígena?



Documento 1

Título VIII

Ordem Social

....

CAPÍTULO VIII

DOS ÍNDIOS

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, “ad referendum” do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

(...)

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Documento 2

As falas racistas dos Ministros em relação aos índios/Povos Indígenas

Olá, meu nome é Cristian Wari'u Tseremey'wa, eu sou indígena do povo xavante com ascendência guarani [...] e no vídeo de hoje a gente vai falar um pouco sobre as recentes notícias, os recentes acontecimentos que envolvem os povos indígenas e envolvem também o governo federal.

(...)

Não sou jurista, não trabalho com advocacia, não sou advogado, não tenho informação apesar de ter um conhecimento muito breve porque é meio que básico todo indígena saber as questões da Constituição dos direitos dos povos indígenas. Eu sei um pouquinho disso, mas não nesse nível a ponto de julgar esse fator [...]

E agora falando da fala do ministro do meio ambiente que sinceramente não faz nenhuma coerência [...] ele disse que deveria se aproveitar [...] enquanto tá todo mundo atento a pandemia que está instaurada não só no Brasil mas no mundo todo, mas que deveria aproveitar esse momento para passar tudo que fosse projeto de lei, PL, tudo que fosse em relação aos interesses dele e principalmente nessa flexibilização da proteção dessas áreas ambientais, da proteção das terras indígenas

[...]

Não é e que ainda mais agora que o governo está passando por cima disso e quer sobrepor dentro dos territórios essa narrativa porque dentro da própria PL eles colocam assim: é de que as terras indígenas homologadas não vão sofrer nenhum tipo de alteração.

A princípio você vê, nossa que legal né, o governo está olhando e falando que vamos proteger as terras indígenas já homologadas, não vão ser afetadas mas aí você vê um ponto. São pouquíssimas as terras de fato homologadas no Brasil e no meu estado Mato Grosso então diversas outras áreas indígenas em diferentes estágios regularização fundiária e grande parte desses estágios desses territórios em grande avanço quase precisando somente de uma assinatura para se considerar homologada em processos muito avançados de regularização fundiária todos eles vão ser descartados, vão ser tratados como nada e somente as pouquíssimas terras indígenas homologadas vão ser consideradas e todo o restante vai ser sobreposto por imóveis rurais [...]

Aí você vê o ataque que o governo está fazendo [...] e é isso falando dos povos indígenas que são grandemente afetados por meio dessas doenças que não são indígenas, são doenças que são trazidas de fora e que afetam grandemente os povos indígenas. Todas essas doenças, todos os indígenas tentando proteger esses territórios, não podendo ir para um câmara legislativa, não podendo cobrar dos seus governantes, tendo que simplesmente aceitar e quando acabar, aí simplesmente todas as terras indígenas vão ser tomadas e a gente vê que é um processo que antes era ilegal mas que o governo tá de toda forma tentando legalizar, ou seja, legalizar invasões a territórios indígenas [...] e esse ministro sinceramente ele não já que o a o motivo principal e que tá tão evidente nesse governo é esse desmonte, já que tá tão escancarado assim ele não deveria se chamar ministro do meio ambiente, não cabe esse nome nele, já que tá tão escancarado coloque ministro do não meio ambiente, coloque um ministro do desmatamento, ministro da mineração cabe muito mais já que tá tão escancarado deixa isso, deixa esse nome mesmo que meu do meio ambiente de meio ambiente não tem nada [...]

Wari'u. **As falas racistas dos Ministros em relação aos índios/Povos Indígenas**. Youtube, 23 de mai. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oM5Mpnu-Boo>. Acesso em: 27 mai.2021.

Glossário

Xavante: “Os Xavante - autodenominados A’uwe (“gente”) - formam com os Xerente (autodenominados Akwe) do Estado do Tocantins, um conjunto etnolinguístico conhecido na literatura antropológica como Acuen, pertencente à família lingüística Jê, do tronco Macro-Jê. No período colonial e imperial, grupos Acuen também foram identificados pelos etnônimos “xacriabá” e “acroá”.

Instituto Socioambiental. **Xavante**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavant>. Acesso em: 14 jun.2021.

**Os xavantes queriam
suas terras e
a paz. Agora só
querem suas terras.**



Os Xavantes sempre falam que vieram do Oriente, do mar, Opòrè. Mas o branco só foi encontrá-los, pela primeira vez, na metade do século 18, a mil quilômetros do mar, em Goiás.

8

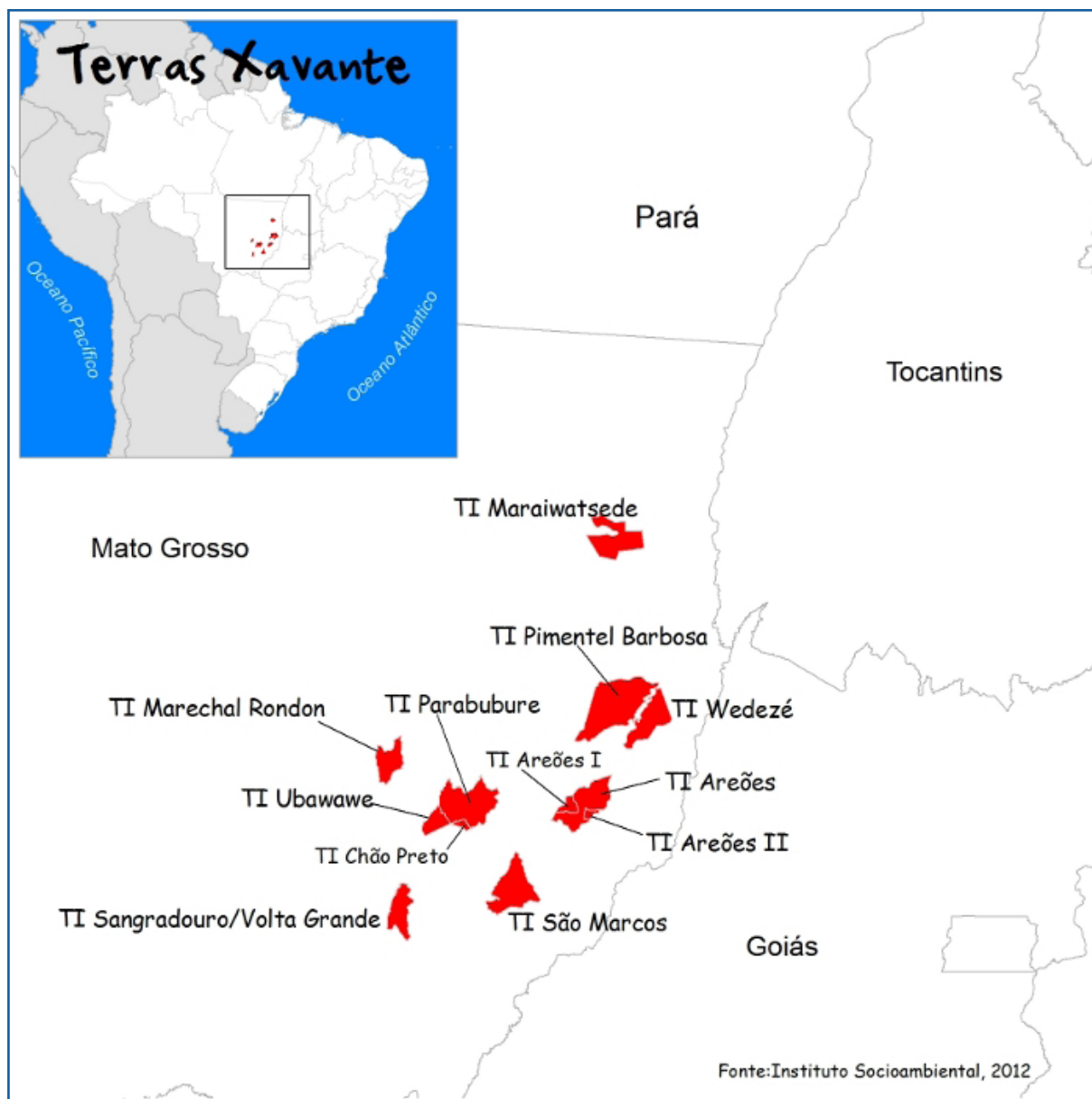
Os primeiros brancos que eles conheceram foram os bandeirantes. E depois, os brancos colonos, os pacificadores, os catequisadores, os brancos amigos e inimigos, até chegarem ao branco invasor, posseiro de suas terras.

Documento 4

As reservas dos Xavantes estão sendo estudadas há vários anos, pois desde a sua pacificação feita por Francisco Meirelles, em 1945, suas terras têm sido constantemente invadidas por fazendeiros e posseiros, criando casos de atritos sérios entre brancos e índios. Em 1969, o Ministério do

A criação das reservas torna-se urgente por causa dos conflitos registrados desde o ano passado entre Xavantes e fazendeiros. Houve casos de saques a fazendas, roubo de gado e inclusive investidas à BR-158, onde os índios, em sinal de descontentamento, chegaram a cobrar uma espécie de pedágio dos motoristas que transitavam por suas terras.

Instituto Socioambiental, 2012. Terras Xavante. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikiversity/pt/f/fb/Localizacao_xavantes.jpg. Acesso em: 14 jun. 2021.



Documento 5

Documento 5

TABELA: Estágio de demarcação das terras indígenas Xavante

T.I	Situação	Data
Marechal Rondon	Registrada	10/1996
Areões I	Identificada	10/2000
Areões II	Identificada	10/2000
Areões	Registrada	11/2000
Chão Preto	Registrada	04/2003
Parabubure	Registrada	06/2003
Sangradouro/Volta Grande	Registrada	08/2003
Pimentel Barbosa	Registrada	05/2011
Ubawawe	Registrada	12/2011
<u>Wedezé</u>	Aprovada pela Funai	12/2011
São Marcos	Registrada	12/2013
Marãiwatsédé	Registrada	07/2017

Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3789>. Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 6

Fase	O que acontece?
1. Estudos de identificação	A Funai nomeia um antropólogo para elaborar estudo antropológico e coordenar os trabalhos do grupo técnico especializado que fará a identificação da TI em questão.
2. Aprovação da Funai	O relatório do estudo antropológico deve ser aprovado pela presidência da Funai, que, no prazo de 15 dias, fará com que ele seja publicado.
3. Contestações	As partes interessadas terão um prazo de até 90 dias após a publicação do relatório para se manifestar.
4. Declaração dos limites	O Ministro da Justiça terá 30 dias para declarar os limites da área e determinar sua demarcação física, ou desaprovar a identificação.
5. Demarcação física	Declarados os limites da área, a Funai promove a demarcação física.
6. Homologação	O procedimento de demarcação deve, por fim, ser submetido à presidência da República para homologação por decreto.
7. Registro	A terra demarcada e homologada será, em até 30 dias após a homologação, registrada no cartório de imóveis da comarca correspondente e na Secretaria de Patrimônio da União (SPU).

MARTINELLI, Pedro. ISA. Como funciona a demarcação? Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/demarcacao>. Acesso em: 14 jun. 2021.

Glossário

T.I: (...) uma porção do território nacional, a qual após regular processo administrativo de demarcação, conforme os preceitos legais instituídos, passa, após a homologação por Decreto Presidencial para a propriedade da União, habitada por um ou mais comunidades indígenas, utilizada por estas em suas atividades produtivas, culturais, bem-estar e reprodução física. Assim sendo, se trata de um bem da União, e como tal é inalienável e indisponível, e os direitos sobre ela são imprescritíveis.”

Fundação Nacional do índio (FUNAI). Terra Indígena, o que é?. Disponível em: [http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-32#:~:text=Terra%20Ind%C3%ADgena%20\(TI\)%20%C3%A9%20uma,utilizada%20por%20estes%20em%20suas](http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-32#:~:text=Terra%20Ind%C3%ADgena%20(TI)%20%C3%A9%20uma,utilizada%20por%20estes%20em%20suas). Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 7

Na porta de um hotel de Barra do Garças — cidade de 12 mil habitantes, que se orgulha do título de “Capital das Agropecuarias” — o fazendeiro Geraldo Figueiredo é apresentado ao jornalista:

— Você é do “Estado”? É um prazer conhecê-lo, pois sou leitor assíduo do seu jornal. Que você está fazendo por aqui?

— Reportagens a respeito de índios.

— Então, escreva que é preciso acabar com eles. Esses índios estão travando o desenvolvimento nacional. Eles não produzem nada e ficam criando caso aos pioneiros que querem integrar a nossa Pátria e fazer do nosso País o maior exportador de carne. O mundo tem fome. O Brasil precisa crescer e não se pode admitir que esses indolentes fiquem atrapalhando o nosso serviço.

— Por que o índio precisa de tanta terra para não fazer nada? Eles poderiam perfeitamente vir trabalhar em nossas fazendas. Ganhar dinheiro. Progredir com o País. Mas querem deixar aquela vida indolente. O governo não pode permitir isso. Num país em desenvolvimento não há lugar para vagabundos.

A Terra será devolvida. O Estado de São Paulo, 1973. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19730914-30204-nac-0010-999-10-not>. Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 8a

“Pela caça e pela coleta do babaçu o Xavante consegue ser Xavante”

(...) Algumas expedições de coleta são parte integrante de certos rituais, para obter a matéria prima para a confecção das máscaras Wamnhõrõ, para uma iniciação. Durante o Wai'á as mulheres coletam batatas chamada Abahi. No ritual de cura (Datsiwaiwere), quando o doente é mulher, coletam-se cocos e frutos.

A coleta hoje continua sendo muito importante na manutenção físico e cultural do grupo. Por exemplo, quando estivemos na Aldeia São João Batista (PIN Parabubu), queixavam-se da falta de arroz e carne na aldeia, porém, vimos batatas e castanhas de coco, de vários tipos sendo consumidos e em abundância. E todas as aldeias sempre se vêm mulheres e crianças quebrando e comendo cocos. Quando percorrem conosco o campo, os Xavante identificam e mostram uma infinidade de plantas frutíferas, medicinais ou outras. Isto prova que o conhecimento é mantido e retransmitido, pela importância que vêm os Xavante nestas plantas para a sua sobrevivência como Xavante.

A coleta para obter alimentos é essencialmente feminina. (...) o provimento regular da casa é mantido pelas mulheres, o que toma suas atividades economicamente fundamentais. (...)

(...) Os Xavante não erigem suas aldeias no campo, mas perto de corrente de água, onde tenha mato. Mato é lugar bom para fazer roça (de toco). Não fazem roça no campo, cuja terra é ruim, segundo seus depoimentos. (...)

(...) O mais importante de todos [os alimentos - milho feijão, abóbora] era o milho, do qual os Xavante cultivavam, e ainda cultivam, sete espécies diferentes, identificadas por suas cores variadas. O milho é o principal ingrediente na preparação de bolos, com os quais são retribuídos os serviços cerimoniais prestados no casamento, na iniciação e em diversas outras ocasiões. Estes bolos servem também como suprimento alimentar em deslocamentos prolongados. (...)

(...) [Mas] A alimentação Xavante não se traduz facilmente numa matemática química, mas corresponde a uma construção simbólica. Cada alimento vem combinado a uma carga simbólica (...)

(...) O gado adquirido pela FUNAI, seja com os recursos da agricultura ou com outros, somente foram entendidos pelos Xavante como um farto suprimento de carne, não como uma atividade econômica. (...)

Documento 8b

“Para poder conhecer realmente outros grupos humanos, é preciso fazer um esforço para aprender como eles veem a vida. Conhecer o que os fatos, as experiências, as situações significam para eles. Ao fazer isso, é sempre bom comparar com o que é familiar para nós. Vamos encontrar muitas coisas em comum porque, afinal, somos todos humanos. Mas ao comparar é preciso, também saber respeitar as diferenças. E o direito do outro ser diferente, falar diferente, viver diferente, pensar diferente. Lá, do jeito dele.”

SILVA, Aracy Lopes da. Índio. São Paulo: Ática, 1988, p. 9.

Documento 9

Entrevista concedida por um indígena Xavante em setembro de 2015 em Nova Xavantina.

“eu quero que eles [filhos] estudem pra que algum deles um dia, não que seja eles, os meus netos também, pra que tenha, em um livro Xavante, alguma autoridade que tenha um estudo maior, um estudo superior, para alcançar alguma coisa, por que, em um caso, está estudando pra que, eu quero ser advogado, eu quero ser engenheiro agrônomo, eu quero ser médico, eu quero ser dentista, então tem que estudar pra que futuramente, nós Xavante, tenhamos, no meio de nós, algum que tenha, entre nós, representantes, como deputado, senador, vereador, deputado federal, estadual, como nós já tivemos um deputado federal, que é Mário Juruna. Ele não era estudado, inteligência ele tinha, não falava bem português, mas ele tinha visão boa para atacar os brancos, dentro da administração deles (26)”

OLIVEIRA, Natália Araújo De. Os Xavantes e as políticas de desenvolvimento para a Amazônia Legal brasileira (da Era Vargas ao final da Ditadura Militar): de símbolo da brasilidade a obstáculo ao progresso. Londrina, 2017, pg.170. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Oliveira-42/publication/322512035_Os_Xavante_e_as_politicas_de_desenvolvimento_para_a_Amazonia_Legal_Brasileira_de_simbolo_da_brasilidade_a_obstaculo_ao_progresso/links/5e2b556ea6fdcc70a148edbe/Os-Xavante-e-as-politicas-de-desenvolvimento-para-a-Amazonia-Legal-Brasileira-de-simbolo-da-brasilidade-a-obstaculo-ao-progresso.pdf. Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 10

Entrevista concedida por um indígena Xavante em setembro de 2015 em Nova Xavantina.

“em 1979 surgiu meu irmão chamado Cacique Celestino, ele pensou a retomada de Parabubure. Falou bem assim: eu vou tomar a minha aldeia, lá está meu pai enterrado, lá está meu avô enterrado. Eu vou retomar novamente. E ele retomou. Até 1981 foi decretado, homologado já, essa terra indígena Parabubure, dado que o povo da Fazenda Xavantina foi mandado embora.”

(...)

“a fazenda [Xavantina] pareceu que não aguentou a pressão deles e tudo, a Funai entrou no meio também, falou bem assim: até 1981 vocês tem que esvaziar essa terra. Tanto que pra provar, eles pegaram pilão de socar milho e as balas também, cartuchos de bala, pra provar que lá foram atacados, os índios Xavante de Parabubure. Esse cartucho, levaram a Brasília, o pilão também, provou, então a terra é do índio, está aqui a prova e aí que foi o trabalho da Funai junto com o governo federal, na época do governo militar, foi no governo João Batista Figueiredo. Hoje é terra indígena Parabubure.”

OLIVEIRA, Natália Araújo De. Os Xavantes e as políticas de desenvolvimento para a Amazônia Legal brasileira (da Era Vargas ao final da Ditadura Militar): de símbolo da brasilidade a obstáculo ao progresso. Londrina, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Oliveira-42/publication/322512035_Os_Xavante_e_as_politicas_de_desenvolvimento_para_a_Amazonia_Legal_Brasileira_de_simbolo_da_brasilidade_a_obstaculo_ao_progresso/links/5e2b556ea6fdcc70a148edbe/Os-Xavante-e-as-politicas-de-desenvolvimento-para-a-Amazonia-Legal-Brasileira-de-simbolo-da-brasilidade-a-obstaculo-ao-progresso.pdf. Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 11

Entrevista concedida por um indígena Xavante em setembro de 2015 em Nova Xavantina.

Eu estou muito triste, pensando muito, contou minha avó. Cadê nossa terra? Acabou. Não tem mais nada, derrubaram tudo, cadê a caça, cadê o peixe? Rio das Mortes, antigamente, a tarde, pulando muito peixe, agora, cadê? Acabou. O branco é assim mesmo. Lá no Rio do Couto, ixi, tinha bastante peixe. Lá embaixo tem muito fazendeiro, aí acabou peixe também. Secou, do Couto, do Rio. Branco é assim mesmo, branco não pensa para nós. Só está pensando: eu sou brasileiro. Não é não, não é brasileiro, é estrangeiro.

OLIVEIRA, Natália Araújo De. Os Xavantes e as políticas de desenvolvimento para a Amazônia Legal brasileira (da Era Vargas ao final da Ditadura Militar): de símbolo da brasilidade a obstáculo ao progresso. Londrina, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Natalia-Oliveira-42/publication/322512035_Os_Xavante_e_as_politicas_de_desenvolvimento_para_a_Amazonia_Legal_Brasileira_de_simbolo_da_brasilidade_a_obstaculo_ao_progresso/links/5e2b556ea6fdcc70a148edbe/Os-Xavante-e-as-politicas-de-desenvolvimento-para-a-Amazonia-Legal-Brasileira-de-simbolo-da-brasilidade-a-obstaculo-ao-progresso.pdf. Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 12

Carta da Comunidade Xavante de Marãiwatsédé para a Sociedade Brasileira

Nesse território, os ancestrais, nossos bisavós viviam encima da terra. Esse território é origem do povo de Marãiwatsédé. nessa terra amada foi criado o povo de marãiwatsédé.

Será que a terra é dos brancos? Será que os pais, os avós, os bisavós dos fazendeiros nasceram aqui? A gente sabe, a comunidade de marãiwatsédé sabe. Não nasceram! Quem sempre ocupou a terra foi o índio. O Xavante de Marãiwatsédé hoje a comunidade espera tranqüila a desintrusão.

Quem ocupava a terra eram nossos pais, nossos avós, nossos bisavós, que nasceram aqui, cresceram aqui, fizeram festa para adolescente. lutaram muito, faziam ritual dentro do território de marãiwatsédé nem fazendeiro nem posseiro viviam aqui antes de 1960.

Era só índio, os anciãos lembram, só tinham duas casas em São Félix do Araguaia. Quando fomos retirados para T.I. São Marcos já que criaram os municípios e o nosso território foi destruído.

Quem destruiu, foi índio ou foi branco? A gente sabe mesmo, foi o branco que destruiu a floresta, essa não é a nossa vida. Nossa vida é preservar a terra, a natureza, os rios, os lagos. É assim que a gente vive. nosso povo respeita nossa mãe e nossa mãe é a natureza nós esperamos tranquilos a nossa vitória da nossa terra. dormimos tranquilos sonhamos bonito com a vitória da nossa terra.

Antes da retirada de nossa terra mataram muitos Xavantes. os fazendeiros daquele tempo e muito bandido. mataram com tiro. (...) Será que os fazendeiros vão pagar indenização?

É a mata misteriosa que só os Xavantes de Marãiwatsédé conhecem seus segredos. Por isso os antepassados sempre preservaram a floresta, porque ela é da nossa cultura.

Essa terra é a nossa origem.

Os animais, não podem sofrer mais com tanta destruição da natureza. Quando a terra foi devolvida para o nosso povo a floresta vai viver novamente. vai voltar animais e plantas. Nossa mãe vai ficar muito forte e muito bonita, como sempre foi. É assim que tem que ser.

Damião Paradzane

Cacique da aldeia Marãiwatsédé

08/12/2012

Documento 12

CARTA DA COMUNIDADE XAVANTE DE MARAIWATSÉDÉ
PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA

Na eco 92 começamos a lutar pela nossa terra de maraiwatséde.

Nessa território, os ancestrais, nossos bisavós viram encima da terra. Esse território é origem do povo de maraiwatséde. Nessa terra amada foi criado o povo de maraiwatséde.

Agora a desintensão já começou. Os anciãos esperam muito tempo para tirar os não-indios da terra. Sofreram muito. A vida inteira sofrendo, esperando tirar os fazendeiros grandes.

A lei federal, a constituição, as autoridades estão do nosso lado. As autoridades da força nacional, exército, polícia federal estão do nosso lado porque a presidente Dilma sabe que a terra é dos Xavantes de maraiwatséde. Nós agradecemos as autoridades e todas as entidades que nos apoiam nessa luta da verdade contra a mentira. A desintensão é ótima.

Será que a terra é dos brancos? Será que os pais, os avós, os bisavós dos fazendeiros nasceram aqui? A gente sabe, a comunidade de maraiwatséde sabe. Não nasceram! Quem sempre ocupou a terra foi o índio. O Xavante de maraiwatséde hoje a comunidade espera tranquila a desintensão.

Quem ocupava a terra eram nossos pais, nossos avós, nossos bisavós, que nasceram aqui, cresceram aqui, fizeram festa para adolescente. Lutaram muito, faziam ritual dentro do território de maraiwatséde sem fazendeiros nem posseiros viviam aqui antes de 1960.

PARADZANE, Damião. **Comunidade Xavante de Maraiwatsédé fala à sociedade brasileira.** Maraiwatsédé. org, 03 jan. 2013. Disponível em: <https://maraiwatsede.org.br/content/comunidade-xavante-de-mar%C3%A3iwats%C3%A9d%C3%A9-fala-%C3%A0-sociedade-brasileira>
Acesso em: 14 jun.2021.

Documento 13

29 de Janeiro, 2014

Posseiros voltam a invadir Marãiwatsédé e fecham rodovia

Invasores expulsos da TI Marãiwatsédé em agosto de 2012 voltaram a ocupar a área no dia 26 de janeiro de 2014, após a saída das Polícias Federal e Rodoviária Federal do local. Um grupo de cerca de 50 posseiros fechou a rodovia no Posto da Mata e invadiu a localidade, expulsando servidores da Funai que ali trabalhavam. O cacique Damião Paridzané foi perseguido quando tentava se aproximar do local.

Posseiros voltam a invadir Marãiwatsédé e fecham a rodovia. Marãiwatsédé, Terra dos Xavantes. Disponível em: <https://maraiwatsede.org.br/>. Acesso em: 14 jun.2021.